

# POLÍTICA EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE: ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DO TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES EM MINAS GERAIS

**Rogéria Moreira Rezende Isobe**

*Universidade Federal do Triângulo Mineiro [rogeriaisobe@gmail.com](mailto:rogeriaisobe@gmail.com)*

**Valéria Moreira Rezende**

*Universidade Federal de Uberlândia [valeria.rezende@ufu.br](mailto:valeria.rezende@ufu.br)*

**Neide Borges Pedrosa**

*Universidade Federal de Rondônia [neibpedrosa@gmail.com](mailto:neibpedrosa@gmail.com)*

**Cleiton Aparecido de Araújo Afonso**

*Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra [cleiton1985@gmail.com](mailto:cleiton1985@gmail.com)*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar resultado de pesquisa que investigou as condições do trabalho docente na perspectiva de professores que atuam na rede pública de ensino fundamental no interior das Gerais. Configura-se como pesquisa descritiva com abordagem qualitativa que se consolidou a partir de estudos teóricos e entrevistas semiestruturadas com oito professores da rede pública de ensino. A partir da análise do referencial teórico e das respostas suscitadas, foi possível concluir que o trabalho docente, na perspectiva dos professores, está inserido em um cenário de descaso e negligência no sistema educacional brasileiro e que apesar de todos os contratemplos que passam os docentes ainda demonstram grande afeto e atenção pelo trabalho que desempenham.

**Palavras-chave:** Trabalho Docente; Política educacional; Escola Pública.

## Introdução

Durante as últimas décadas o trabalho docente tem passado por diversas modificações e novas demandas e tarefas foram agregadas aos profissionais do ensino, de certa maneira essas mudanças contribuíram para o processo de intensificação e de precarização/desvalorização que essa profissão tem sofrido.

A realidade vivida pelo professor na atualidade tem sido cenário de estudos e pesquisas nos mais variados enfoques. O professor hoje assume, muitas vezes, funções que vão além da sua profícua tarefa de mediar o conhecimento. Além disso o docente conta hoje com condições precárias de trabalho: falta de materiais para desenvolver sua prática pedagógica, baixos salários, ausência de um plano de carreira, sobrecarga de atividades, políticas governamentais

de controle do ensino, responsabilização pelo desempenho dos alunos, entre outros. Esse conjunto de fatores tem gerado uma crise de identidade profissional que assola muitos profissionais da educação. Para Esteve (1992)

A sociedade parece que deixou de acreditar na Educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação de sua imagem social (p. 95).

A partir dessas constatações, esta investigação objetivou compreender como estes educadores percebem a profissão docente nas condições de trabalho de que dispõem. A problemática da investigação tomou como premissa as indagações: Como o professor analisa as condições de trabalho em que atua? Como isso interfere no desempenho de sua profissão e na identidade docente?

Como procedimento metodológico optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa descritiva com uma abordagem qualitativa que contou inicialmente com uma revisão bibliográfica e na sequência procedeu-se à realização de entrevistas semiestruturadas com oito professores da rede pública de ensino.

### **Profissão e identidade docente**

A identidade docente deve ser entendida não como algo criado em função de acordos e convenções, mas como um processo em construção constante no meio social de um sujeito legítima e historicamente constituído. Essa construção se consolida em função dos significados sociais da profissão que transita entre suas tradições e contradições. O surgimento da profissão de professor emerge dos anseios das sociedades e vai se amalgamando como um corpo sistematizado de conhecimentos que agregam valores, crenças culturais, preceitos.

Para constituir-se como profissional o docente precisa estar seguro de sua prática por meio da compreensão do significado dos valores que ele representa. Deve também estar atento para neutralizar as retóricas extrínsecas ao seu trabalho que envolve culpabilização e responsabilização relacionadas a ideia de que as mazelas da educação pública se restringem exclusivamente à competência ou não do professor.

A desvalorização do professor que resulta de estratégias de ordem econômica ou social, oriundas de raízes historicamente construídas precisa ser coibida, uma vez que “fazer a análise crítica da educação na sociedade contemporânea sem referi-la ao ofício cotidiano de educar e ensinar mostra-se ineficiente e incompleta” (LIBÂNEO, 1998, p.41)

A falta de investimento na educação no sentido de oferecer condições dignas de trabalho do professor resulta no que diz Marcelo (2009 s/p) sobre as reformas educacionais que “deterioraram as condições de trabalho dos docentes, causando desmoralização, abandono da profissão e absentismo, tendo, tudo isso, um impacto negativo na qualidade da educação”.

Dadas as especificidades e complexidades do trabalho docente e sua área de atuação como *locus* de contradição, buscamos compreender o significado dessas ingerências como fatores relacionados à desvalorização do professor e perda de sua identidade.

### **Docência histórica e socialmente construída**

Docência, do latim *docere*, significa etimologicamente, ensinar, instruir, dar a entender, indicar. No sentido formal a docência é o trabalho exercido pelos professores, na função precípua de ministrar aulas. Para Tardif (2002, p. 31) o professor ou professora “é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. Docência no sentido lato significa articular também práticas e valores fundamentais da escola como instituição social que implica ideias de formação, reflexão e crítica, o que faz com que a formação de professores seja mais do que mera especialização ou técnica, mas uma ação política, histórica e socialmente construída que possibilita a criticidade diante dos problemas sociais que envolvem a educação.

Ao considerar a docência como uma ação política capaz de contribuir na construção de conhecimentos acumulados e oportunizar transformações pessoais e sociais, Dias (2009) afirma que a educação vai muito além de um procedimento de troca de informações ou um circuito simples de ensino-aprendizagem através de conteúdos predeterminado, mas caracteriza-se por um processo de transformação social.

Ao professor, responsável pelo ensino, cabe estabelecer o elo entre o conhecimento escolar e o conhecimento prévio do aluno como o caminho seguro para a formação e consolidação de saberes. Desta maneira, a atuação do professor deve ser de mediação, tomando o diálogo como principal facilitador do processo de ensino aprendizagem. A comunicação não somente liga o ensino ao aprendizado, mas é condição importante para que os estudantes se desenvolvam e procurem ampliar os conhecimentos desenvolvendo o pensamento crítico e estabelecendo uma articulação entre o currículo, o mundo e o seu cotidiano.

### **O que pensam os professores sobre seu trabalho**

Para ampliar a compreensão sobre a temática em tela foi realizada uma investigação com oito professores da educação básica, em escolas públicas de Ituiutaba-MG, contendo oito questões fechadas e cinco abertas relativas à valorização e condições de trabalho.

As características encontradas nas respostas ao questionário, assim como os depoimentos dos professores indicam que os docentes estão em situações similares de realidade de trabalho. No quadro 1 mostra a caracterização do perfil dos professores que participaram da pesquisa.

**Quadro 1**  
Caracterização do perfil dos professores participantes da pesquisa

Cat/Prof	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
<b>Sexo</b>	F	F	M	F	F	F	F	F
<b>Idade</b>	50	56	49	31	43	49	43	46
<b>Formação</b>	Espec.	Grad.	Espec.	Grad.	Espec.	Grad.	Grad.	Espec.
<b>Curso/Área</b>	História	Normal. superior	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Geografia	Pedagogia	Pedagogia
<b>Tempo Serviço</b>	21	23	25	8	20	18	20	23
<b>Tempo Na Escola</b>	15	6	17	8	1	7	8	1
<b>Turno</b>	Mat e Vesp	Mat e Vesp	Mat e Vesp	Mat e Vesp	vesp	vesp	Mat e Vesp	Mat e Vesp

Fonte: Dados compilados a partir dos questionários aplicados.

Conforme apresenta o quadro a maioria quase absoluta é do sexo feminino, num total de sete mulheres e apenas um homem. A idade média de 46 anos revela que já estão em atividade laboral há mais tempo. Esse dado é comprovado quando informam o tempo de exercício na docência em média 20 anos, sendo a de maior tempo com 25 anos e menor 8. Os dados indicam também que o tempo de exercício na docência na escola varia entre 17 e 1 ano, sendo mais evidente professores mais novos na escola, do que mais antigos. Nota-se que 5 professores são pedagogos e 3 de outras áreas, sendo 4 graduados e 4 especialistas *latu sensu* e nenhum com especialização *stricto sensu*. Quanto ao período de trabalho, a maioria dos docentes tem dupla jornada de trabalho, constando 6 docentes que atuam nos turnos matutino e vespertino e apenas 2 que atuam apenas no turno vespertino.

A dobra de turnos de trabalho além do desgaste físico compromete o bom exercício da profissão uma vez que o professor que vive nessa condição não consegue oferecer um trabalho de melhor qualidade, reduz o tempo para planejamento e estudos, tão necessários na profissão docente como mostra a professora P7:

Os salários deixam a desejar em relação a outros profissionais e até mesmo pela responsabilidade que assumimos de mediador do conhecimento. Temos que desdobrar em dois ou três turnos para conseguir um salário digno de realização de nossas necessidades. Com tudo, sobra pouco tempo para estudo e planejamentos.

Quando perguntamos sobre o que significa trabalhar em escola pública, 6 dos 8 entrevistados apresentaram como aspectos positivos as relações interpessoais da instituição. No entanto, os professores foram unânimes em destacar problemas de infra-estrutura tais como ventilação e iluminação ineficientes nas salas de aula, barulhos externos excessivos, carteiras e mesas quebradas, falta de materiais escolares, problemas nas edificações escolares. Além disso todos os docentes ressaltaram que o trabalho na escola pública tem sido marcado por cobranças para melhorar os índices do IDEB conforme relatos abaixo:

A gente trabalha o tempo todo sob pressão [...] eles não consideram o fator emocional das crianças e nem da gente trabalhando sob pressão. Só querem cobrar todo mundo pra melhorar na avaliação do governo. (P3)

Ser professor é executar um trabalho por amor, necessidade, vocação. Sempre trabalhei em escola pública e a cada ano que passa nosso trabalho está ficando mais difícil. As exigências são muitas principalmente pra ter boa nota nas avaliações do IDEB (P1)

Os relatos remetem à questão de intensificação do trabalho docente que é analisado por Oliveira *et al.* (2012, p. 6):

[...] as reformas educacionais têm atuado fortemente sobre a organização escolar [...]. Essas mudanças, por sua vez, repercutem diretamente sobre a organização do trabalho escolar, pois exigem mais tempo de trabalho do professor, tempo este que se não aumentado na sua jornada objetivamente, acaba se traduzindo numa intensificação do trabalho, que o obriga a responder a um número maior de exigências em menos tempo.

Quanto à pergunta que fizemos: “*Você se sente valorizado na profissão?*” os professores foram unânimes em afirmar que não se sentem valorizados por questões salariais, por condições e sobrecarga de trabalho, pela difícil tarefa de ensinar no mundo contemporâneo. Duas professoras afirmaram que essa valorização acontece somente do ponto de vista de realização pessoal quando acompanham o desenvolvimento dos alunos e o êxito na vida social e profissional na vida adulta. É o que mostra o depoimento da professora P1: “Se pensar quando você vê uma criança crescer intelectualmente, sim; se pensar pelo lado de salário e



reconhecimento, não”. Ao mesmo tempo em que a professora se realiza na profissão, se esmorece quando esse importante trabalho não é valorizado pelo poder público que historicamente oferece um salário deficitário aos professores no Brasil.

Quando perguntamos aos professores: *Quem se responsabiliza pela melhoria das condições de trabalho docente? E o que tem sido feito nesse sentido? O que falta para melhorá-las?* As respostas expressam o sentimento de impotência e desânimo, não expressando otimismo em relação ao futuro. Esse aspecto fica evidente na fala dos professores registradas a seguir:

Não estão fazendo nada (P1)

Os órgãos governamentais. Tem feito muito pouco avançar. Falta melhorar salário. (P4)

Não sei quem responsabilizar, o sindicato não tem se manifestado. (P3)

Os governantes são os maiores responsáveis pela melhoria do trabalho do professor. Falta interesse, políticas públicas voltadas ao assunto. (P2)

Acredito que ainda seja o elo escola-família, sem ele não há crescimento nenhum. (P6)

Contamos com nosso sindicato para que possa lutar por nossa classe e estamos nas mãos de políticos. Pouca coisa se tem feito nesse sentido. Os políticos e partidos não se preocupam com o aluno que é o principal prejudicado. Falta respeito pelos profissionais e alunos que parecem bolas de pingue pongue nas mãos de partidos e cargos públicos (P7)

Os relatos demonstram que os professores não têm clareza sobre quem se responsabiliza pelas condições de trabalho do professor e pela educação, até mencionam o poder público como responsável, mas com uma contação vazia e sem argumentação. As frases curtas são sinais de apatia, onde não problematizam o que não está sendo feito para melhorar suas condições de trabalho. Percebemos que os professores não têm perspectivas positivas de futuro, estão descrentes e desalentados, querem expressar algo de relevância significativa, mas não conseguem, encontram-se chafurdados na ação mecânica do seu cotidiano. A professora P7 apresenta melhor argumento quando expressa como um desabafo o descaso para com a educação por parte do poder público e ressalta o quanto o sindicato não tem conseguido estreitar a distância entre o trabalho docente e sua valorização docente

A última pergunta feita aos professores foi: *Em que medida as suas condições de trabalho interferem na sua saúde?*

E amo minha profissão e meus alunos, mas tenho trabalhado muito. Quanto à minha saúde, só cansaço... (P2)

Tira-se licença é porque está doente, mas só em último caso(P1)

Há muita pressão de metas a serem alcançadas para alfabetizar não respeitando o tempo do educando, isso desmotiva o profissional abalando o seu sistema emocional. Me preocupo muito com meus alunos. (P3)

Falta apoio da família, falta materiais e com a pressão que sofro no trabalho a saúde emocional fica prejudicada (P4)

Meu trabalho se desenvolve melhor quando estou bem de saúde. Mas com as dificuldades que temos encontrado fica cada vez mais difícil realizar um trabalho pleno e 100% (P7)

A saúde do professor acaba sendo prejudicada devido à falta de controle do número de alunos por sala. Onde temos que nos desdobrar para conseguir disciplina para uma aula produtiva. Esse grande número de alunos por sala também prejudica dependendo do que se propõe a trabalhar. Vejo muitos professores sem voz ou até ou até mesmo deprimidos (P5)

A gente tem que dar conta de cumprir inúmeros projetos da escola além do conteúdo que temos que cumprir. É muita pressão sobre o professor e a saúde fica abalada (P6)

De maneira geral, na opinião dos professores, as condições de trabalho afetam no desempenho pleno de suas atividades laborais. Atribuem entre esses problemas, a pressão quanto ao cumprimento de metas, a falta de apoio da família, excesso de alunos por sala, onde o professor precisa se desdobrar para manter a disciplina, o que gera cansaço, problemas vocais e emocionais, depressão, entre outros.

Levando em conta que os professores estão submetidos ao cumprimento de metas impostas pelo governo e dadas as suas condições de trabalho, há um descompasso entre o que os professores se propõem a desenvolver e o que de fato realizam o que acaba gerando um sobre-esforço dos docentes na realização de suas tarefas, como argumenta Gasparine, Barreto e Assunção (2005 p. 192) “As condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar sobre-esforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas”.

O papel do professor contemporâneo não se restringe mais em apenas mediar o conhecimento do aluno, que é a sua função profícua. Hoje o professor tem a sua missão

ampliada para além da sala de aula devendo saber articular a escola com a comunidade e em resposta às necessidades da própria sociedade. No âmbito escolar é cobrado do professor além da função de ensinar, a participação da gestão e dos planejamentos da escola, o que exige uma dedicação mais intensa e conseqüentemente mais desgastante.

Desta maneira, o ambiente em que este profissional está inserido é imprescindível que esteja em condições favoráveis. As respostas dadas pelos professores evidenciam que eles acreditam na educação e gostam do que fazem.

No entanto, os professores ressentem da falta de valorização por parte do governo e da própria sociedade quanto ao trabalho que realizam destacando sobretudo no pagamento de baixos salários e grande responsabilidade que assumem. Atestam ainda que as precárias condições de trabalhos impedem que desenvolvam ainda melhor as suas atividades laborais. Foi consenso entre eles a justa reclamação quanto as condições da sala de aula, muitas vezes sem ventilação e iluminação apropriada, excessiva carga horária de trabalho, barulhos externos que atrapalham a aula e excessivo número e alunos por sala.

Por conseguinte, é preciso considerar o árduo trabalho que os profissionais da educação desempenham, mesmo inseridos em um sistema de desigualdade que se legitima pelo descaso por parte do poder público, devem continuar na luta aguerrida por melhores condições de trabalho e reconhecimento da profissão docente. Esse reconhecimento se expressa até mesmo na busca por uma melhor qualificação e ampliação de conhecimentos como expressa a professora P6. “Eu tento fazer a minha parte, tenho feito vários cursos de formação continuada e procuro me atualizar constantemente.”. Nota-se que a despeito das condições de trabalho e aumento da jornada de trabalho que diminui o tempo disponível para dedicação aos estudos, muitos docentes tem buscado formas de requalificação profissional.

### **Algumas Considerações**

O objetivo desse estudo foi compreender a percepção dos professores quanto às condições de trabalho e valorização na carreira docente. Os resultados da pesquisa comprovam que o trabalho docente está inserido em um cenário de descaso e negligência no sistema educacional brasileiro. Desvelado e com poucos investimentos, a “Pátria Educadora” não tem sido capaz de desconstruir as mazelas historicamente acumuladas criando desta maneira a reprodução de uma educação muito aquém do necessário. E o pior, os resultados de fracasso são atribuídos à escola, ao professor e aos alunos.



O sistema escolar tem transferido para o professor, além da sua função mediadora de conhecimentos na sala de aula, a responsabilidade de cobrir as lacunas existentes na instituição, a qual estabelece mecanismos rígidos e redundantes gerando um sobre-esforço desnecessário.

É notório considerar que a imposição de medidas, regras e atribuição de funções da maneira como têm sido implantadas, fazem com que os professores se sintam como meros executores e objetos das reformas. E sentir-se objeto é perder autonomia e caminhar para a proletarização, justamente porque os professores se sentem sem poder de controle sobre o trabalho que realizam (ENGUITA, 1991).

Os professores entrevistados demonstraram, no entanto, que apesar de todos os reveses que passam, ainda demonstram grande afeto e atenção pela escola que trabalham, pelos alunos e pelo próprio processo de ensinar e aprender, onde os alunos são constantemente estimulados a crescer intelectualmente e para a vida.

À guisa de concluir, torna-se necessário salientar a fundamental importância de que a classe trabalhadora de professores possa demarcar terreno na luta por um melhor direcionamento de políticas públicas a favor da educação. Assim, diferente da tendência histórica de desvalorização docente, faz-se necessário construir o futuro da nação em busca de uma sociedade comprometida com a cidadania e a democracia, para muito além do ideal econômico de crescimento e competitividade proposto pela retórica gerencialista e neoliberal.

## Referências

DIAS, J. R.. **Educação de Adultos** – Educação Permanente. – Evolução do Conceito de Educação, Braga, Universidade do Minho, Projecto de Educação de Adultos. 1982.

ENGUITA, Mariano F. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, n.4, p.41-61, 1991.

ESTEVE, J. M. **O mal estar Docente**: A sala de aula e a saúde dos Professores. São Paulo. Edusc.1999.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. *Revista Profissão docente*, Autêntica Editora. [Volume 01 / n. 01, ago/dez. 2009](http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/3/5). Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/3/5> Acesso em 20 de maio de 2018

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M. ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

OLIVEIRA, Dalila Andrade et al. **Transformações na organização do processo de trabalho docente e o sofrimento do professor.** 2012. Disponível em: <<http://www.redeestrado.org/web/archivos/publicaciones/10.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

PEREZ, Geraldo. **Formação de professores de matemática sob a perspectiva do desenvolvimento profissional.** In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (org.). Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas. São Paulo: Unesp, 1999, p. 263-282.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.